

## A CRIAÇÃO E O CONSUMO OBJETIFICADO DA ARTE PARA SATISFAÇÃO PESSOAL

*The creation and objectified consumption of art for personal satisfaction*

HERVELY SUELY S A DE SOUZA

**Resumo:** O presente artigo se propõe a relacionar as considerações de cunho psicanalítico e estético de Freud com a complementação de outros autores, levando-nos a capturar aspectos sobre a complexidade das reações humanas diante das representações artísticas. É por meio da complementação conceitual psicanalítica, estética e filosófica que realçaremos as determinações da capacidade de representação, assim como suas diferenciações; além disso, tentaremos descrever as dependências humanas e associar a aspectos artísticos e ver como este processo está ligado à satisfação. Uma possível padronização da forma com que lidamos com nossa realidade, nos levando ao passo da criação e da utilização de objetos artísticos, como uma forma histórica de como a humanidade tem se satisfeito diante de seu cotidiano amparada à arte.

**Palavras-chave:** satisfação, arte, representação.

**Abstract:** This article aims to relate Freud's psychoanalytic and aesthetic considerations to the complementation of other authors, leading us to capture aspects about the complexity of human reactions to artistic representations. It is through the psychoanalytic, aesthetic and philosophical conceptual complementation that we will emphasize the determinations of the ability to represent, as well as their differentiations; moreover, we will try to describe human dependencies and associate with artistic aspects and see how this process is linked to satisfaction. A possible standardization of the way we deal with our reality, taking us along with the creation and use of artistic objects, as a historical way of how humanity has been satisfied in the face of its daily life supported by art.

**Keyword:** satisfaction, art, representation.

Uma breve história da humanidade pode demonstrar diversos aspectos comuns aos humanos, a aliança entre aspectos presentes na história da arte e da filosofia podem ressaltar a necessidade da arte intrínseca ao intelecto humano, tanto sua criação quanto contemplação. Este fator nos evidenciará a arte como um “objeto” de satisfação, pois ele pode representar os possíveis efeitos que os indivíduos e sua relação com a realidade pode proporcionar.

A tragédia grega está para os gregos como um ato musical repleto de artifícios está para nós neste século, o espetáculo de cores e sons é escolhido para impressionar e prender a atenção, podendo implicar e transmitir sensações instantâneas aos telespectadores, assim como o roteiro de uma obra cinematográfica repleta de efeitos visuais e sonoros, seu contexto pode despertar interesse até mesmo a admiração. Este breve apuramento revela mais sobre nosso anseio pela satisfação e o impulso que temos pela contribuição artística, não apenas o teatro, mas a música, escrita e a arte plástica podem ser abrangidas.

O aspecto psicanalítico complementa a teoria de uma naturalidade humana em criar e representar sua visão de mundo, tanto suas emoções quanto suas ausências emocionais. A utilização dependente da arte nos conduz a um caminho onde podemos compreender nossas múltiplas formas de interagir com nossa própria realidade e as consequências naturais da vida, isto pode evidenciar velhas e novas formas de representações pessoais e sociais. Mantemo-nos dentro do conteúdo teórico estético para tratarmos da satisfação, pois ele abrange um olhar filosófico sobre as reações a arte, colocando-a num contexto tanto íntimo quanto social. Com isto tentaremos relacionar a aceitação dos indivíduos e suas formas de expressão, pois, podemos afirmar que mesmo antes de existir os meios tecnológicos que estamos habituados hoje, alguns meios comunicativos já existiam, um deles, se não o mais essencial é a expressão artística como condutor de informações.

Cada obra que permanece como essencial, atualmente, pode nos abrir possibilidades e comunicar sobre sua repercussão e sobre ações determinantes de seu tempo. A breve análise das escolhas técnicas dos artistas em suas obras é feita sem pretensões de julgamento técnico, mas, no intuito de enriquecimento exemplar. O conteúdo conceitual presente nos objetos artísticos é que nos leva a conclusões, aliando os pressupostos psicanalíticos para que possamos chegar a conclusões sobre a capacidade de representação e de seus conceitos, até mesmo, a repercussão e a aceitação dos indivíduos. Com tudo teremos em mão um desfecho de cunho filosófico.

Consideramos aqui a essencialidade da arte para investigação tanto íntima quanto social, pois não podemos negar sua presença em toda a história. Desde a pintura rupestre na pré-história até o movimento contemporâneo, por exemplo, podemos captar aspectos e até mesmo críticas sociais. O salto entre o uso da matéria prima da natureza, as cores primárias, destacam conceitos diretos e indiretos. O uso de determinado instrumento ou tonalidade tornam possíveis as representações de temperatura e movimento.

Os gêneros e movimentos artísticos são mencionados aqui como representação do tempo e das formas com que os artistas se identificaram para comunicar sensações, assim podemos ampliar a possibilidades, abrangendo uma breve história da representação humana. A forma com que lidamos com a ausência de algo em nosso cotidiano pode se tornar uma tendência, pois o meio termo entre a criação artística e sua contemplação, nos leva a uma “objetificação” da arte segundo nossa necessidade de satisfação, ou seja, a satisfação pessoal de um indivíduo pode estar ligada à forma com que anseia por um objeto de desejo e a busca por ele.

De acordo com o texto *O poeta E O Fantasiar* de 1908, presente no livro de Rodrigo Duarte *O Belo Autônomo*, segundo Freud, afirmamos que há um tipo de movimento na capacidade humana de usar a própria imaginação a partir da “irrealidade” do mundo poético “Pois muitas coisas que não causam gozo como reais, podem fazê-lo no jogo da fantasia e muitas [moções] que em si são desagradáveis podem se tornar para o ouvinte ou expectador do poema fonte de prazer”<sup>1</sup> O breve texto nos evidencia o uso da imaginação e da expressão para satisfação. O próprio psicanalista aponta um modelo de roteiro presente na maioria dos romances, que pode mostrar mais do próprio caráter humano, como a pretensão feita na maioria dos enredos de seu tempo, a divisão de personagens bons e maus, onde os bons sempre vencem e os maus sempre perdem.

A insatisfação humana com a realidade também se faz um fator relevante para Friedrich Nietzsche, como a observação dos aspectos da tragédia grega o levou a construir uma crítica sobre como a humanidade se expressa, o uso de determinados recursos específicos pode ser feito para satisfazer uma espécie de necessidade de expressão. Tal necessidade é tamanha, tornando-se essencial em nós. A forma teatral exuberante com que os gregos se portavam antigamente iguala-se à atualidade e a “objetificação” da arte para entretenimento.

A arte em geral é feita para que possamos suportar a vida em um sentido poético. O filósofo nos conduz à reflexão na obra *O Nascimento da Tragédia* sobre a questão de como a humanidade tem criado objetos para abstração. Podemos presumir a necessidade em comum da sociedade em arranjar formas de satisfação se expressando, usufruindo da capacidade de criar possibilidades, para uma satisfação momentânea segundo Nietzsche:

Mas tão logo a realidade cotidiana torna a ingressar na consciência, ela é sentida como tal com náusea; uma disposição acética, negadora da vontade, é o fruto de tais estados. Nesse sentido, o homem dionisíaco se assemelha a Hamlet: ambos lançaram alguma vez um olhar verdadeiro à essência das coisas, ambos passaram a conhecer e ambos enojam atuar; pois sua atuação não pode modificar em nada a eterna essência das coisas, e eles sentem como algo ridículo e humilhante que se lhes exija endireitar de novo o mundo que está desconjuntado [...] a arte; só ela tem o poder de transformar aqueles pensamentos enojados sobre o horror e o absurdo da existência em

<sup>1</sup> DUARTE, Rodrigo. *O Belo Autônomo: Textos Clássicos de Estética*. 3 ed. Belo horizonte: Autêntica editora. 2017. p. 269.

representações com as quais é possível viver: São elas, o sublime, enquanto domesticação artística do horrível, e o cômico, enquanto descarga artística da náusea do absurdo<sup>2</sup>

O autor também tenta evidenciar peculiaridades presentes em uma determinada fonte de expressão, que são feitas com a intenção de fornecer sensações de alguma realidade que nos desagrade. Tais fatores são retratados tanto no cinema, na música, e no caso, no teatro, independente de seus contextos, por mais distante que seja de nosso cotidiano tal fator pode estar evidenciar significações intencionais. Numa junção de racionalidade e instintos podemos perceber como temos criado e usado de métodos para satisfação e como este processo tem feito o homem se aliar à arte e usá-la para inteirar-se de sua capacidade de criar modos de vivência.

### **Entre a genialidade e o narcisismo**

Freud afirma que as expectativas subjetivas do indivíduo são difíceis de avaliar, pois são dependentes de fatores pessoais de sua própria experiência, ou seja, cada indivíduo desenvolve uma forma diferente de lidar com a suas questões, é preciso também considerar as interações entre indivíduos e suas consequências. Assim, tomemos consciência que para estudarmos o indivíduo é preciso estudar seu íntimo e seu comportamento em sociedade, porque estão diretamente ligados, assim como é impossível falar da genialidade de um artista e não se tratar de sua relação com o todo. É importante ressaltar como nossas relações podem influenciar os outros e como isto pode se tornar um padrão, é crucial o fato de os indivíduos influenciados por seus interesses desenvolverem formas de resistência às privações.

Segundo o psicanalista é evidente que para o indivíduo a vida é difícil de suportar, pois a civilização de que participamos nos impõe tipos de privações, podemos considerar essas privações como tipos de ausência, já que para nos mantermos temos que nos adequar, e tais adequações nos impõe limites. Temos presenciado uma sociedade formada por indivíduos privados de realizar certos Desejos, convivendo com a dificuldade de lidar com ausências e a responsabilidade de ter que se adequar a padrões. O psicanalista acredita que não temos total controle intelectual quando a questão é nossa vida instintual, partindo da premissa que as resistências desenvolvidas por nós possuem um caráter superficial, pois advém de uma necessidade de “desviar-se” dos problemas, nossa incompetência neste sentido nos leva a afirmar a ligação de nossa incapacidade de lidar com ausências com a procura pela satisfação.

Nossa mente esta dividida em duas partes, e uma pode levar a “sobrecarga” da outra, ou seja, a parte inconsciente pode gerar representações através de memórias retidas que quando são levadas de volta para consciência podem interferir negativamente, gerando até mesmo uma neurose. O problema é quando passamos a recorrer a outras lembranças ou representações para nos satisfazermos momentaneamente, o psicanalista refere se a este processo como uma defesa do nosso próprio intelecto, uma forma de “acariciar” a mente, que se sobressai quando estamos em uma situação desconfortável (FREUD, 2006).

Além da capacidade de usar representações para satisfação, a repressão<sup>3</sup> é um condutor onde nos conformamos e negamos coisas que não nos agradam, é uma consequência do choque de memórias mal digeridas que ficaram guardadas por algum motivo na parte mais profunda da nossa mente e por meio da memória emergiram para a consciência. Porém, pelo fato de terem ficado retidas representam uma ameaça à nossa situação atual. O

---

<sup>2</sup> NIETZSCHE, Friedrich, **O Nascimento da Tragédia**. 2 ed. São Paulo. Companhia das Letras. 1992. p.96

<sup>3</sup> Repressão é uma forma de negação usada por pacientes quando recordam de algo e apresentam uma negação automática diante disso. A repressão advém de um choque entre as memórias que saem do inconsciente e “invadem” a consciência.

indivíduo pode se colocar em uma situação que pode se tornar um ciclo tendencioso.

As expectativas subjetivas do indivíduo não podem ser levadas como independentes de fatores pessoais, sua própria experiência é que esta ligada a suas reações, ou seja, o que pode gerar tendências é a nossa forma de nos relacionarmos, com os outros e com nossa própria consciência, podemos ver isso desde a infância, pois não é somente nela que idealizamos objetos, no decorrer do nosso processo natural de maturação continuamos conflitantes com objetos de desejo e a falta destes.

“A arte, como há muito sabemos, oferece satisfações substitutivas para as mais antigas renúncias ligadas a cultura, ainda hoje as mais profundamente sentidas, e, por isso contribui, mas que qualquer outra coisa, para reconciliar-nos com os sacrifícios que envolvem essas renúncias. Por outro lado, as criações da arte elevam seus sentimentos de identificação, de que todo grupo cultural necessita, ao dar ensejo a experiências emocionais vivenciadas conjuntamente e altamente apreciadas. Mas também servem a satisfação narcísica”<sup>4</sup>

### A Falta a Ser Preenchida

Nessa abordagem, consideraremos que a satisfação tem se firmado como um meio termo entre o desejo e a frustração, isto é necessário para entendermos como isto se torna uma tendência. A frustração é considerada uma reação que podemos apresentar inicialmente na infância, porém pode se perpetuar por toda vida. Segundo Lacan estamos sujeitos à frustração e isto faz parte do nosso desenvolvimento, ou seja, ela é considerada como um conjunto de impressões reais que se caracteriza na medida em que estamos vivendo e nos relacionando com um objeto real, mas também estamos nos relacionando com nossos desejos. Ainda na infância desenvolvemos a idealização de objetos, devido a nossa imaturidade perceptiva e cognitiva, nós nos tornamos incapazes de perceber os objetos sem uma atribuição afetiva (LACAN, 1995)

“o sujeito do desejo que é a essência do homem – não é de modo algum, ao contrário do animal, inteiramente preso por sua captura imaginária. Ele se demarca nela. Como? na medida em que ele isola a função do anteparo, e joga com ela. O homem, com efeito, sabe jogar com a máscara como sendo esse mais além do olhar [...] é ao nível perceptivo, o fenômeno de uma relação que deve ser tomada numa função mais essencial. Isto é, que, em sua relação ao desejo, a realidade só aparece como marginal”<sup>5</sup>

O homem além de não poder se desprender de sua imaginação, está a mercê de seu desejo, isto se torna uma ligação inevitável, fazendo- capaz de interferir nas coisas, como por exemplo, é citado o uso da luz nas pinturas, para encobrir ou ressaltar algo que assim deseje o autor, o uso da resignação, é o fator que diferencia o criador e o objeto de criação. Não podemos nos livrar dos desejos e das pulsões da imaginação, mas podemos defini-las e criar por meio disso.

A existência de um modelo artístico pode tornar-se aceitável pela maioria, pois, pode corresponder a uma sequência de desejos, isto nos leva a uma possível satisfação coletiva. A questão que prevalece é a tamanha necessidade de se satisfazer onde uma padronização dos interesses é evidente em todo o percurso da história, até aspectos que antes não aceitos, são usados para entreter atualmente. Isto é um resultado da forma com que temos lidado com a realidade, convenientemente e superficial.

Para Freud os “desejos insatisfeitos são forças impulsionadoras das fantasias e toda fantasia individual é uma realização de desejo, uma correlação da realidade insatisfatória” (FREUD 1908) O ato de fantasiar, ou seja, usar a imaginação tem ligação direta com a necessidade de satisfação de algum desejo. Nossas interações com o outro e

<sup>4</sup> (FREUD, Sigmund. *Inibição, Sintomas e Angústia, O Futuro De uma Ilusão e Outros Textos (1926-1929)* São Paulo: Companhia das Letras. 2014.v 17. p.245)

<sup>5</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11; Os Quatro Conceitos fundamentais da Psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor. 1985. p.105

com nossos próprios problemas podem ser afetados, no mais, a realidade tendenciosa desta necessidade, é uma entrada para a neurose. O desejar abusivo seria uma fonte tendenciosa, pois sempre que desejarmos procuraremos um objeto para satisfazer uma falta.

### **A História da Representação**

As reações da sociedade às obras de arte em todo o tempo podem mostrar bem mais sobre a sociedade do que sobre a própria arte, o fato de Manet ter tido seu quadro: *Almoço Na Relva* (1863) recusado pelo salão de Paris é algo a considerar, pois se trata do desenho de uma mulher totalmente despida em meio a homens, as reações a esta obra entraram para a história como um ato de reprovação, além do conteúdo principal do desenho e dos tons usados, que não eram comuns à época. Em diversos outros casos como este, a satisfação social está ligada com o que é aceito ou reprovado. A arte esta presente em todas as mudanças de padrões sociais, sendo o melhor exemplo que temos capaz de resumir a importância da representação. “É porque seu efeito tem algo de aproveitável para a sociedade, para o que, da sociedade, entra no seu lance. Fiquemos ainda no vago para dizer a obra, isso as acalma, as pessoas, as reconforta, mostrando-lhes que pode haver alguns que vivem da exploração de seu desejo”<sup>6</sup>

Estes como outros fatos podem nos apresentar diferenças adquiridas com o tempo. Não nos referimos a técnicas somente, mas a reação a elas, os descasos e aceitações que se perpetuaram na história, nos remetem a um histórico da representação humana. O que podemos constituir como diferencial e característico em uma época é a reação de uma maioria, ou seja, como julgavam ser algo próprio ou impróprio, mesmo que se tratasse de uma realidade ou não. A resposta aos aspectos é que está sendo considerada. A arte, segundo o que acreditamos, é feita com objetividade, mas que se trata de subjetividade.

Chegamos a uma forma menos contundente de unir o desejar humano e suas consequências, pois sempre objetivamos algo, porém esse desejo e a forma com que lidamos com ele é que expõe nossa subjetividade. Na fabricação de um quadro o artista não pode se desvencilhar de uma intenção ao fazê-lo, mas pode representar esta intenção de diversas formas, assim como a reação a esta obra pode ser das mais variadas.

A uma ligação continua entre o individuo que tem feito arte e sua subjetividade, a produção artística feita segundo uma necessidade espera que seu espectador torne-se um receptor de sensações, no caso da arte contemporânea, por exemplo, percebemos seu poder crítico sobre os problemas sociais, isto não quer dizer que seja necessária apenas no tempo em que é criada. A forma crítica, na arte pode representar as faltas e os excessos presentes na sociedade de seu tempo, mas de forma tão implícita que torna se relevante para além do tempo em que foi criada, revelando a subjetividade dos indivíduos e seus desejos.

A arte pode expressar os aspectos de sua geração, pois sempre terá um tipo de retorno dela, seja positivo ou negativo. O processo da contemplação se faz essencial, na medida em que não se trata apenas de ver, porém, trata-se de ações correspondentes. Aceita pela maioria ou não, uma obra pode provocar a consciência e exprimir respostas sensoriais, demonstrando um desdobramento de como a sociedade se satisfaz e como deixa de se satisfazer. As contribuições da arte podem ser tão naturais em nossa mente como em nossa relação com os outros, ou seja, posso me relacionar com um contexto de uma obra de forma tão natural quanto em uma relação humana comum. Esta

---

<sup>6</sup> LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11; Os Quatro Conceitos fundamentais da Psicanálise*. 2 ed. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor. 1985 p.108

correlação pode ser resultante na formação de nossa perspectiva sobre o mundo. No mais, a reação a um objeto de arte pode significar mais sobre nossa bagagem emocional do que sobre a técnica, ou seja, a obra em si.

## REFERÊNCIAS

DUARTE, Rodrigo. **O Belo Autônomo: Textos Clássicos de Estética**. 3 ed. Belo horizonte: Autêntica editora. 2017

FREUD, Sigmund. **O futuro De Uma Ilusão; O Mal-Estar Na Civilização E Outros Trabalhos (1927-1931)** Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21

\_\_\_\_\_. **Inibição, Sintomas e Angústia, O Futuro De uma Ilusão e Outros Textos (1926-1929)** São Paulo: Companhia das letras. 2014.v 17

\_\_\_\_\_. **Estudo Sobre a Histeria (1893-1895)** Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 2

\_\_\_\_\_. **Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise Parte III (1915-1916)** Rio de Janeiro: Imago, 2006. V. 16.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos, 1995.

HODGE, Susie. **Breve Historia Da Arte Moderna**. São Paulo: G.G BR. 2019,

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 4; a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Seminário, livro 11; Os Quatro Conceitos fundamentais da Psicanálise**. 2 ed. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor. 1985.

NIETZSCHE. Friedrich, **O Nascimento da Tragédia**. 2 ed. São Paulo. Companhia das Letras. 1992.